

**DIABOS E DEMÔNIOS:
UMA IDEIA DE MAL SUBSTANCIAL A PARTIR DE ATANÁSIO DE
ALEXANDRIA NA OBRA VITA ANTONII**

DEVILS AND DEMONS:
AN IDEA OF SUBSTANTIAL EVIL FROM ATHANASIO OF ALEXANDRIA IN THE WORK VITA ANTONII

Livia Denise Castro Duarte ¹
Cecília Victoria Caraballo Guerra ²

RESUMO

O esforço realizado para alcançar o ideal de vida cristã, parte de um combate contínuo contra as forças do mal, nas figuras do demônio e do diabo, que visam levar àquele que optou por este estilo de vida a uma aproximação do bem ideal. À medida que epifanias espirituais malignas ocorrem através dos ataques sobrenaturais dos demônios, mais aqueles que aderiram ao monacato se estabelecem na ascese. Uma dialética é formada tendo em vista a santificação. Tal fenômeno metafísico ocorre por que seres, que aparecem na existência de Santo Antão se manifestam não somente para ele, mas para toda a tradição cristã. Essa tradição cristã compartilha a figura do satã em seu imaginário com outros povos e culturas. No decorrer do movimento monástico, vemos a influência da relação de Santo Antão, e os elementos que ele usa no combate a estes seres reverberar em outros autores e figuras essenciais do cristianismo. Pretendemos com essa pesquisa demonstrar, através da análise da hagiografia de Santa Antão escrita por Santo Atanásio de Alexandria, como o mal constitui a base da literatura ocidental; e ainda, verificar como tais apresentações foram usadas como ferramenta didática e moral para a edificação do *ethos* cristão. O caráter da investigação será bibliográfico e será desenvolvido segundo as técnicas inerentes à abordagem dos textos filosóficos.

PALAVRAS-CHAVE: Problema do Mal. Demonologia. Filosofia Monástica. Atanásio de Alexandria. História da Teologia

ABSTRACT

The effort made to achieve the ideal of Christian life is part of a continuous fight against the forces of evil, in the figures of the devil and the devil, which aim to bring those who have chosen this lifestyle closer to ideal good. As evil spiritual epiphanies occur through the supernatural attacks of demons, more of those who

¹ Mestranda em Sociologia pela UFAM. Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Amazonas e Ciências Teológicas Faculdade Boas Novas.

Email: ceci.caraballoguerra@gmail.com

² Doutorado em Doenças Tropicais e Infecciosas pela Universidade do Estado do Amazonas. Graduada em Ciências Teológicas pela Faculdade Boas Novas.

E-mail: ceci.caraballoguerra@gmail.com

have adhered to monasticism settle into asceticism. A dialectic is formed with sanctification in mind. This metaphysical phenomenon occurs because beings that appear in the existence of Santo Antão manifest themselves not only for him, but for the entire Christian tradition. This Christian tradition shares the figure of Satan in its imagery with other peoples and cultures. Throughout the monastic movement, we see the influence of Saint Antão's relationship, and the elements he uses to combat these beings reverberate in other authors and essential figures of Christianity. With this research, we intend to demonstrate, through the analysis of the hagiography of Saint Anthony written by Saint Athanasius of Alexandria, how evil constitutes the basis of Western literature; and also, verify how such presentations were used as a didactic and moral tool for building the Christian ethos. The nature of the investigation will be bibliographic and will be developed according to the techniques inherent to the approach to philosophical texts.

KEYWORDS: Problem of Evil. Demonology. Monastic Philosophy. Athanasius of Alexandria. History of Theology

INTRODUÇÃO

Não há como falarmos do ascetismo monástico e de todo o movimento que influenciou o ocidente se não analisarmos com acuidade o simbolismo da figura do mal na obra de Santo Atanásio, o combate existente e a contínua vigilância de Santo Antão, o egípcio. Tal modelo de vida influenciou gerações, pois a ascese é um estilo de vida rígido, no qual uma série de práticas simbólicas eram operadas com vistas à elevação pessoal e à vitória contra o mal.

Neste contexto um processo disruptor emerge. A Igreja institucional, agora vinculada ao império, não sofria mais as perseguições sofridas pelos mártires. O martírio vermelho, o que marcou o sacrifício de milhares de cristãos em obediência ao mandamento do Mestre, agora passava por intensas transformações em sua prática. A igreja cristã, vinculada ao estado, não era mais reconhecida por sua santidade, mas por sua conveniência à sociedade a qual acabara de se fundir. Foi aí que a fuga *mundi* se tornou a melhor opção para aqueles que desejam viver a ideia da ascese cristã. A espiritualidade monástica almejava a vivência da verdadeira filosofia, eles acabaram por desenvolver um estilo de vida espiritual no deserto, cuja essência do monasticismo é a ascese.

Antão, ou Antônio como também ficou conhecido, viveu entre os anos de 251 e 356 d. Ainda em tenra idade, o jovem de família nobre e sua irmã ficam órfãos, e o futuro monge logo teria que tomar decisões que mudariam o percurso de suas vidas. O copta, escutou alguns versos da Escritura Sagrada que marcam sua forma de pensar. Tal mensagem levou Antão a abrir mão de seus bens, distribuindo-os aos mais desfavorecidos e a tomar a decisão de seguir Jesus. Certo tempo depois submete sua irmã aos cuidados de mulheres piedosas e vai em direção a um amigo monge, o qual obteria informações a respeito do que é a vida de um eremita.

Em sua narração, Atanásio traz a figura de um ser, o qual denomina de diabo e o caracteriza como “inimigo do bem e invejoso”. Este, no início de sua ascese, o

tenta, para que ele volte atrás. Aqui vemos dois tipos de mal, o mal material e o não material. Ao que parece, o material é manipulado pelo não material segundo o entendimento de Antão. Nessa passagem da obra é apresentado um verdadeiro combate contra os desejos físicos do corpo, apontando-os como produção dos demônios.

O termo mal possui uma variedade muito extensa de significados, quanto ao seu princípio antagônico, o bem. Segundo a noção metafísica de mal, este é o não-ser ou pode ser uma dualidade do ser. Ao longo da concepção de mal formulada inicialmente o mal pode ser um adjetivo, atos negativos ou positivos, ou personificado em um substantivo, concreto, atribuindo a ele uma identidade e personificação, denominado diabo. O mal poderia ser bem distinguido de onde Deus está, ou ausência de Deus, ou ausência do próprio Bem. O mal sendo não-existente, apresenta sua epifania em outra realidade.

Ao pé do monte, em que o monte copta faleceu, uma comunidade de monges cenobíticos se forma, e assim, seu legado, conceitos e filosofia de vida é passado por gerações. Tal estilo de vida agregou inúmeros cristãos que aderiram a tal estilo de vida, formando comunidades que ao longo do tempo, foram sendo aprimoradas por seus predecessores. São Pacômio, com sua comunidade de monges cenobitas, sírios, com São Simão, São João Crisóstomo, São Efrem. Na Palestina, Pérsia, Armênia, Geórgia, Ásia Menor e Constantinopla com São Basílio de Cesareia. Roma e Itália, com São Jerônimo, na Gália, com São Martin de Torus e Cassiano, na África, Península Ibérica e nas Ilhas Britânicas com Santo Agostinho.

Destaca-se ainda que a figura do mal, não aparece somente no contexto de São Antão, mas aparece no Velho Testamento, onde culturalmente, devido à formação do povo de Israel dentre as nações semíticas, se reconhece esta figura do mal. A tradição cristã ocidental e sua relação com as questões acerca da demonologia foram influenciadas por Atanásio e a hagiografia de Antão. É impossível abarcar todo o conceito da figura do mal na cultura e literatura, contudo podemos analisar que a tradição católica perpassa a relação com os seres demoníacos como inimigos pela Idade Média, ainda perdurando no mundo contemporâneo. Pois enquanto houver bem, haverá mal, enquanto houver o belo, haverá o feio, enquanto houver sorte, haverá azar, enquanto houver o certo, haverá o errado.

Pretendemos, nesta investigação, destacar os elementos representativos da metafísica do mal na literatura monacal primitiva por meio da análise da hagiografia do pai da ascese cristã, Santo Antão, e também analisar como a prática da ascese tem como premissa a luta antagônica contra a concepção metafísica de ausência do bem, o mal, interpelado pelo seu fenômeno substancial e material - suas aparições a Antão.

As técnicas de pesquisa aplicadas são aquelas inerentes às especificidades da abordagem dos textos filosóficos, a saber: leitura textual e interpretativa e análise

sistemática da obra de Santo Atanásio, abordada no quadro em tela, tendo como foco a principal compreensão do desenvolvimento da filosofia do monasticismo e sua origem partindo da vida e conduta de Santo Atônito, ou Antão. Paralelamente à leitura da obra principal, consideramos os comentários específicos dos estudiosos sobre o tema, encontrados por meio de pesquisa bibliográfica.

A FILOSOFIA DA ASCESE

Ascese, é o vocábulo chave na compreensão da motivação da vida monástica, ela expressa a ideia de exercício. *Ascece* significa exercício. Os atletas submetiam seus corpos a atividades rígidas, a fim de alcançarem a perfeição. A livre vontade, mas a disciplina e ação, para o *monakós*, gera no anacoreta a sublimidade da mais perfeita elevação espiritual. Para isto, uma feroz milícia era travada. A virtude era o alvo da moralidade plena, a qual dialogicamente se opunha ao mal da carne, bem como aos seres que sobre tramavam armadilhas para que o bem supremo não fosse alcançado. O *modus vivendi* habitual da *ekklesia* do primeiro século era o martírio. O rastro do sangue deixado pelos mártires perseguidos pelos imperadores romanos era o caminho a seguir pelos que desejavam viver a verdadeira espiritualidade. Após a união da Igreja com o Estado, as perseguições contra a Igreja param, já que agora aquele que a perseguia, havia se unido a ela.

Todo aquele que optou por viver sozinho no deserto em peregrinação, optou pelo monacato. Ao longo do tempo, devido a migração de muitos cristãos ao deserto, comunidades de eremitas foram se formando dando origem às comunidades cenobíticas, cujo sentido é a vida em comum. O bispo africano, Atanásio, discorre em seu escrito a respeito da vida ideal, apontando para o perfeito exemplo que desenvolve a hagiografia de Antão, ou Antônio, o pai do monasticismo. A biografia de Antão, descrita por Atanásio, passa a valer como parâmetro para a origem histórica do próprio monasticismo.

Os anacoretas no Egito, ao longo do tempo, desenvolvem colônias monásticas, regidas sobre uma moral rígida. Tal filosofia se espalhará ao longo da própria cristandade e figuras importantes ao longo da própria história surgirão dando continuidade a filosofia monástica. São Simeão é o responsável pela comunidade monástica na Síria, na Palestina, São Efreim, Eustácio de Sebaste no Sinai, na Pérsia, na Armênia, na Geórgia e na Ásia Menor, São Basílio de Cesareia em Constantinopla, em Roma, na Itália, São Jerônimo na Palestina, São Matín de Torus na Gália com Cassiano e São Honorato e Agostinho de Hipona nas Ilhas Britânicas (COLOMBÁS, 2004,p.6).

O trabalho ascético do monge está constituído em duas bases, desarraigando os vícios e plantar as virtudes. Contudo, a purificação dos vícios pede uma demorada e violenta luta. A guerra está entre o estado carnal do homem do mundo e o estado espiritual do anacoreta em estado perfeito. Os hábitos arraigados do velho homem se constituía no primeiro alvo da guerra, destruir as paixões desordenadas que despertam do fundo do coração humano. O segundo alvo da guerra era contra os seres transcendentais malignos, os demônios. Por conta do pecado original, na concepção monástica, a humanidade se via presa ao Tentador e escrava de suas

paixões. Ao optarem pelo caminho do bem, estes homens guerreiam contra os demônios, não satisfazendo suas malignas vontades, antes optando pela vontade de Deus.

Segundo, Atanásio, os demônios colocam obstáculos no caminho do cristão, contudo, preferem colocar empecilhos no caminho dos monges, já que estes pelo demasiado exercício da ascese travam longas batalhas pelas disciplinas espirituais e pela *fuga mundi*. Neste caso a fúria dos demônios é maior sobre os monges (ATANÁSIO, 2015, p.23) .

Segundo Colombás para os primeiros monges falar “monacato” é o mesmo que esta dizendo a palavra *agon*, combate.³ São Jerônimo traz a ideia de *ad proelium festinare*, ou seja, é o mesmo que correr em um campo de batalha. “Grande é o combate dos monges!” , disse João Crisóstomo. São Cassiano considera a vida monástica uma vida inteira de longas lutas. O combate do "monacato" deve ser levado até o fim por São Pacômio. Para Colombás a obra de Atanásio sobre a Vida de Antônio, é a base para o monacato antigo concernente à luta, já que tais eventos somam a maior parte da vida deste monge. Antes de Atanásio na hagiografia *Vita Antoni*, os gregos já praticavam este tipo de milícia espiritual, o que se pode perceber certa semelhança com a filosofia dos estoicos (COLOMBÁS, 2004,p.598).

A METAFÍSICA DO MAL NO MONASTICISMO COMO EXPRESSÃO SUBSTANCIAL

Segundo o dicionário Michaelis (2021) o vocábulo “antonomásia” é uma figura de linguagem que substitui o nome de um objeto, pessoa entidade por uma qualidade que lhe é inerente. Satanás é a antonomásia dos demônios. Os espíritos do mal, eram contra quem os monges faziam guerra. Baseados na crença do povo, os monges tinham convicção que os desertos eram as moradas dos demônios. Isto é apresentado por Atanásio, já que ao fugir do mundo, o monge não encontra paz no deserto, mas sim inúmeras batalhas.

As metanarrativas judaicas, cristã e até mesmo islâmicas, trazem a figura de um elemento distinto que se opõe a Deus, seu objetivo é tentar e fazer desistir todo aquele do caminho da retidão. Não há como deter as dualidades que existem na imaginação do homem, personificando figuras positivas e negativas. No Zoroastrismo, uma figura semelhante chamada de Arimã era tida como um príncipe das trevas, que travava uma eterna luta contra o príncipe da luz, Mazda. A partir do cativeiro de Judá na Babilônia, temos a figura do “satan”, termo que significa, “acusador” ou “adversário”.

No relato cosmogônico do Éden, o diabo aparece transfigurado de serpente, em forma de animal, possuidor de fala. Nos relatos proféticos, dos livros de Isaias e Ezequiel, ao descreverem a respeito do rei da cidade de Tiro, um juízo de Deus sobre um rei extremamente soberbo e arrogante, apontam para a figura de um ser, que inicialmente, habitava a presença de Deus, e que em um determinado momento,

ao desejar ser como ele, e em seu coração se ensoberbecer, é lançado do céu a terra, com violência, e este mesmo, é revestido de chamas. Este possuía grande influência no céu, segundo o relato bíblico. O mesmo é confirmado no relato de Jesus acerca de satanás, que o próprio Cristo, diz ter visto, tal personagem, cair do céu como relâmpago sobre a terra (SAYÃO, 2013, p.71).

Para os homens da idade antiga, tudo podia ser manifestação dos seres malignos, uma febre, uma doença, uma enfermidade. Muitas destas concepções dos monges eram baseadas também no seu imaginário, no imaginário do próprio povo, como maneira de interpretar eventos e situações que não se conseguia explicar, acabavam por se tornar superstições de seu tempo. O historiador Jacques Le Goff, ao tratar sobre a Idade Média, seus heróis e suas maravilhas, inicia seu escrito com um conceito de imaginário desenvolvido por Évelyne Patlagen:

O domínio do imaginário constitui-se pelo conjunto das representações que ultrapassam o limite imposto pelas constatações da experiência vivida e pelas deduções correlatas que ela autoriza, o que equivale a dizer que toda cultura, portanto toda sociedade e mesmo todos os níveis de uma sociedade complexa possui o seu imaginário. (PATLAGEN, 2005 apud LE GOFF, 2020, p.6)

Este imaginário é complexo, e se baseia no campo da experiência humana. Seja em nível individual, ou em um nível coletivo, assim o imaginário e o real estão no mesmo tempo e lugar circunscritos ao campo da experiência subjetiva humana. O sentido da palavra demônio pode ser os mais variados possíveis, contudo, esta pesquisa se delimita a perspectiva de Atanásio na hagiografia do monge copta Santo Antão. Observando através da literatura monástica de Atanásio, analisando o conceito da substância de mal desde a Grécia antiga, e sua expressão substancial no pensamento ocidental. Mito, religião e filosofia são conceitos que se entrelaçam com o vocábulo demônio. Os primórdios do sentido do signo linguístico “demônio” historicamente perpassam a história do pensamento grego arcaico até o tempo presente.

Não é intenção de Atanásio realizar uma análise sistemática da atividade demoníaca, contudo, Atanásio ao retratar a vida de Antão acaba por expressar sua compreensão acerca de seres transcendentais que travam batalhas ferrenhas com o Bem que reside na vida de Antão. Inicialmente na narrativa a vida de Antão está coberta de fenômenos que o levam a tomar decisões, optando por uma entrega a uma filosofia de vida que o levaria em direção ao Bem supremo. À medida que este caminho é trilhado por Antão, analogicamente, seres que se opõem a Antão aparecem. Tais seres são delimitados sempre na direção oposta da bondade apresentada. Logo, uma seres de fatos específicos que acompanham tais fenômenos, como lugares específicos, tipos, formas, maneiras diferentes são manifestadas.

Segundo o entendimento de Antão, a quantidade de seres desta qualidade é enorme. Caberia um verdadeiro tratado para analisar os tipos e a sua natureza, entretanto, o objetivo central de Atanásio não é este, mas sim apresentar as artimanhas de tais opositores à Antão. A passagem acima toma como ponto de partida a ideia de que tais seres, a maioria das vezes não estão sozinhos, mas em

tropa, em conjunto. Com diferença significativa entre eles, são maiores em ação do que os humanos e a localidade onde se situam é nos ares, não na terra, embora gostem dos desertos e dos lugares inóspitos. A questão geográfica é delimitada por Atanásio. Deserto. Ares. Isto é demonstrado a medida que Antão se aprofunda na ascese adentrando ao deserto, as batalhas vão ficando mais acirradas.

A LITERATURA DE ATANÁSIO DE ALEXANDRIA E A EXPRESSÃO DO MAL

A hagiografia de Antão possui três partes. A primeira parte trata acerca do nascimento de Antão e sua decisão pela ascese, em aproximadamente 270 d.C. Ao decidir pela prática da ascese, uma personagem aparece em seu caminho, o diabo. Esta antonomásia simboliza o representante dos demônios. Ele descreve este ser como “inimigo do bem e invejoso”, que não suporta ver um jovem com propósito da ascese. Dois atributos são adjetivados a ele, inimigo do bem e invejoso. Este inimigo não suporta que um jovem tenha o propósito de optar pelo anacoretismo, sabendo o tamanho poder das disciplinas espirituais, e como de alguma forma isto significava que seu reino das trevas, de alguma maneira, passava a estar ameaçado. (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 298)

No quinto parágrafo os embaraços colocados no caminho de Antão partem da motivação do diabo de querer que Antão fique preso aos bens, aos deveres desta vida, aos sentimentos e laços familiares, ao amor ao dinheiro, prazer de glória, desejo por comida. Isso tudo desperta em Antão uma “tempestade de pensamentos, querendo fazê-lo renunciar à reta eleição”(ATANÁSIO, Santo, 2015, p.229)

Todo tipo de prazer e satisfação física e material esta associada a ação do diabo sobre os pensamentos e desejos internos do coração de Antão, aticando a concupiscência que há dentro de Antão. A respeito do caráter do demônio, Antão dizia: “porque o demônio é amigo do pecado”⁴. Logo, seu poder é a Tentação dos Prazeres. Ele usa tudo o que está neste mundo para tentar; neste caso o mundo aqui são os bens, familiares, dinheiro, glória, comida, à tais substantivos são alinhados os desejos, prazer, satisfação e amor. A luta de Antão está em concentrar seu amor a Deus e fugir do mundo é demonstrar isto em atitudes. O diabo, como deus deste século habitante dos ares, se locomove ate a Antão, trazendo o mundo até os seus pensamentos. (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 301)

O diabo lhe sugeriria pensamentos obscenos. Antão os repelia pela oração. O demônio o excitava. [...] A noite, o diabo miserável chegava a tomar a forma de mulher e lhe imitar os gestos, com o único fim de seduzir Antão. (ATANÁSIO, 2015, p. 299)

Os pensamentos vinham de fora da mente de Antão, eles eram lançados sobre sua mente. A qualidade dos pensamentos era de obscenidade, excitando assim o monge que começava a ficar vermelho. “Ele ruborizando-se, fortalecia o corpo com a fé, as orações e os jejuns.”(ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 299).

Os demônios, inicialmente, trabalham com os maus pensamentos. Eles jogam estes pensamentos na mente, em especial a dos monges. A ideia de que o prazer sexual era pecaminoso porque vinha do diabo ia se espalhando ao longo do próprio movimento monástico. O poder de lançar pensamentos era o primeiro grau de ação. Não podendo ser atraído para consumir o ato sexual, porque utilizava as disciplinas espirituais para se conter energicamente, o diabo usava um segundo nível de atuação para sedução. Tomar a forma. Metamorfosear em mulher para seduzir, apresenta o profundo interesse do diabo em convencer Antão de seu propósito, a ponto de se transformar em um outro ser, e também apresenta o seu poder de tomar corpo em outras formas.

Neste duelo, o objetivo de Antão contra o diabo era confundi-lo. Mais esperto que o demônio, quando punha em seu coração o medo das chamas e o tormento do verme. O medo da perdição eterna era o escudo que protegia Antão a não cumprir aquilo que o diabo tanto desejava, sua corrupção espiritual.

Tudo concorria para a confusão do inimigo: ele, que pensou em fazer-se semelhante a Deus, agora era vencido por um jovem; ele que despreza a carne e o sangue. (ATANÁSIO, 2015, p. 299)

O diabo, também denominado de inimigo, despreza a carne porque sabe que os homens são fracos no que tange a ceder seus desejos e paixões, e por conta disto os prazeres vencem os homens e os tornam escravos dos seus apetites sendo amaldiçoados por aquilo que tanto desejam. Este é o prazer do diabo, ver os homens fracos e poder manipular seus apetites. Por isso, o diabo pensa ser Deus. Contudo Antão causa confusão no diabo, já que este não se deixa vencer por suas tramoias.

A persona do diabo, que tem poder de influenciar pensamentos, que pode se transformar em outros seres, até seres humanos em forma de mulher; também pode ser transformado em Dragão negro com dentes furiosos, que se manifestava com voz de homem. Na tentação anterior, o diabo jogava pensamentos na mente de Antão, agora, ele fala em voz audível, voz de humano mesmo. A comunicação anterior era intrapsíquica, desta vez alcança os sentidos auditivos de Antão, vibrando em seu tímpano. Antão classifica este tipo de fera demoníaca a um demônio descrito no livro vetero-testamentário, profético, de Oséias. Onde ele mesmo diz: “Um espírito de prostituição vos desencaminhou” (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 300.). Esse dragão negro furioso, é classificado com um espírito de prostituição. No embate com Antão ele sai correndo. Após o primeiro embate o diabo se transformou fisicamente em Leão, mas o antídoto que enfraquecia o demônio e o confundia em suas astúcias, era a ascese que Antão fortalecia todas as vezes que se sentia atacado (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 301)

Segundo Atanásio “o inimigo não suportou que enchesse de ascese o deserto”(ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 302.). O sentimento do diabo, de se sentir ameaçado o levava a não atacar Antão sozinho, mas agora acompanhado por aqueles que são do mesmo tipo que ele. Sua tropa. Antão obtendo vitória, contra os primeiros inimigos de sua ascese, adentrou ao deserto, casa do diabo, onde este, dos ares habita. A medida que Antão entrava era justamente para fortalecer, mas o diabo sentia que seu território estava sendo ameaçado. Antão cada vez mais subjuga seu

corpo e seus desejos. Ele foi ao sepulcro e ali, longe da aldeia, no deserto, permaneceu dias sozinho. O demônio já não procurava o persuadir com pensamentos, nem com voz de homem, mas agora, com sua tropa bateu em Antão, o deixando como morto. Ações psíquicas, alcances aos sentidos humanos por meio dos sentidos, visão, audição e tato, personificam um mal a um ser capaz de ser visto, ouvido e sentido pela compreensão humana.

Atanásio descreve que “Certa noite, entrando com uma tropa de demônios, abateu-o a poder de golpes, a tal ponto que a dor o estendeu por terra, sem voz” (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 302). O poder do diabo está em poder se transformar nas diversas formas tendo em vista o ataque. O horário de ataque inicial é pela parte da noite, onde os demônios em forma de animal faziam todo tipo de barulho para que o ouvinte ficasse assustado. Os demônios tinham a capacidade de passar pelas pequenas brechas das paredes. E ao atravessarem transformavam-se em animais e répteis, agindo em conformidade com a natureza do animal metamorfoseado.

Segundo a própria narrativa de Atanásio, lobos, escorpiões, víboras, serpentes, touros, leopardos, ursos e espectro de leões eram incorporados ou os demônios se transformavam nestes seres para fazerem o mal.

É fácil ao diabo revestir-se de diversas formas, a fim de praticar o mal. À noite os demônios fizeram, pois alaridos tal que todo o local temia. As paredes da pequena habitação estavam como que rompidas, e os demônios irromperam, metamorfoseados em animais e répteis; todo o lugar se encheu de espectro de leões, ursos, leopardos, touros, serpentes, víboras, escorpiões e lobos. (ATANÁSIO, 2015, p. 303-304)

No parágrafo 11, Atanásio mostra que Antão vai para o deserto, e está totalmente indiferente à magia do diabo. Apareceu a ele um disco de prata que voava no meio do deserto. O diabo se transforma em disco voador e se aproxima do monge, mas ao encara-lo bem de perto, e ouvir as palavras de repreensão, o diabo vê a autoridade do monge e foge rapidamente, da mesma maneira que apareceu. Atanásio diz: “Diante dessas palavras de Antão, o disco desapareceu como fumaça diante do fogo” (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 305).

Os parentes de Antão eram testemunhas da operação dos demônios, e o símbolo utilizado para a proteção deles é o sinal-da-cruz, que era realizado de forma individual (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 306). Os demônios eram alimentados pelo medo que os humanos tinham ao ouvir barulhos, vozes e até mesmo manifestações corpóreas malignas, segundo Antão, a carne fraca governada pelos desejos, levava a fraqueza de mente, alma e espírito. Embora o corpo estivesse fraco, o espírito se levantava, pois quanto mais humilhação a carne e aos prazeres, mas força psíquica e espiritual. Antão já tinha vivido trinta e cinco anos no deserto, e agora, ele vive mais vinte recluso na vida ascética.

De acordo com Atanásio, o que o governa é a Razão Natural. Antão não é governado pelo medo, mas pela razão natural, permanecia sempre o mesmo, da mesma maneira. Nada mais o atingia ou o incomodava fossem homens ou seres

sobre humanos, fosse demônios ou até mesmo anjos. Antão alcança a *ataraxia* (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 307).

Na segunda parte da hagiografia, é revelado da onde os demônios vieram. Segundo Antão, eles foram criados por Deus. Contudo Deus não os criou maus, eles foram criados bons. Após a rebelião no céu decaíram e foram precipitados, jogados na terra. Assim eles desviaram os gentios por meio de ficções, de pseudo-histórias ou mentiras. Estes demônios invejam os homens, já que eles decaíram da bondade e da graça de Deus. Como suas habitações são nos ares, eles fazem de tudo para tentar fechar o céu para aqueles que tentam subir para o lugar do qual eles caíram.

Segundo Atanásio “Invejam a nós, cristãos, e movem tudo para nos fechar o acesso ao céu...” (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 313.). Os demônios possuem um caráter persistente. Mesmo diante das batalhas derrotadas, eles voltam em um outro momento oportuno. Ao verem que aquele ser humano não sede a suas tentações iniciais procuram atacar de outro modo sendo criativos para o mal. Eles criam ficções, procuram assustar, se transformam em outras formas, pessoas, animais, coisas e até mesmo de tropas de soldado. O sinal – da-cruz, é o antídoto, segundo Antão de levá-los a fugirem depressa.

Apresentam-se com um aspecto alto para darem impressão de intimidação, e aparências monstruosas. Se eles inicialmente não podem intimidar aquela pessoa por ela estar consolidada na fé e na esperança, eles levam o chefe, o maioral dos demônios, que é o diabo.

Mas não devemos temer suas sugestões, porque, pelas orações, pelos jejuns e pela fé no Senhor, eles caem logo [...] Se encontram uma alma consolidada na fé e na esperança, levam consigo o seu chefe. (ATANÁSIO, 2015, p. 314-315)

O caráter dos demônios é vanglorioso e eles se gabam de enganar os homens. Antão recomenda que não demos a eles atenção a sua voz quando falar. Além do mais, seu caráter é mentiroso e não diz nada de verdadeiro. (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 315.)

A Teologia da parte Imaterial de Santo Antão tem como premissa a subjugação da alma superior no corpo inferior. Ele diz: “Se cada um de nós refletir nisso poderá desprezar os demônios. Se eles estivessem presos a corpos como nós (ATANÁSIO, Santo, 2015, p. 318.) . Para Antão, o espírito do homem está preso no corpo. O corpo é um tipo de prisão do espírito ou da alma. O corpo físico é a habitação que aprisiona o metafísico. Antão, afirma que os demônios não estão presos a corpos físicos, por esta razão eles podem atravessar paredes e obstáculos físicos, já que seus espíritos estão no campo transcendental. Limitações físicas não podem impedi-los.

Mas a coisa é muito diferente, eles podem entrar com as portas fechadas e se encontram em toda parte do ar, eles e seu chefe, o diabo; são maus e prontos para fazerem o mal. (ATANÁSIO, 2015, p. 318)

Também, estes demônios e seu chefe, o diabo, atacam predizendo o futuro. Eles anunciam com alguns dias de antecedência a chegada de irmãos e no tempo de Antão realmente eles chegavam, contudo, eles não fazem tais predições porque se importam com os hospedeiros da casa, mas porque eles desejam com que os homens sejam persuadidos a confiarem neles, e após receberem a confiança deles, os terem nas mãos para fazerem o que quiser (ATANÁSIO, Santo, 2015, p.320-321).

Esta é mais uma tentativa dos demônios de tentarem se tornar como Deus, entretanto, Antão cita uma passagem que contrapõe a onisciência dos demônios (Bíblia,2017, Daniel 13:42, p. 1580.) O único que sabe de todas as coisas é o criador deles. Eles não conhecem o que não existe ainda. Seu conhecimento é apenas imediato, o resto é engano.Os demônios sagazes em seu empreendimento, também transformavam-se em ouro e em prata. Transformaram-se em ouro para atrair o desejo da concupiscência em Antão. Transformaram-se em disco voador composto constituído de prata. Este acontecimento é narrado por Atanásio como Magia. Já o ouro, quando materializado diante de Antão, possui caráter real e o impulsiona a fugir daquele lugar.

Ao chegar em idade avançada, Antão têm um diálogo com seus discípulos que o questionam acerca de onde as almas se encaminham depois que as pessoas morrem. Após este diálogo, Antão tem uma visão. Antão vê um demônio gigantesco. Um gigante. O qual era o próprio inimigo. Ele possuía inveja dos fiéis e reinava sobre o que os haviam se submetido a ele. Este tentava impedir as almas de passar para o céu, a morada das almas, o lugar de descanso. Mas não conseguia dominar sobre aqueles que não se deixavam dominar por ele. Após a visão, Antão fica confuso, mas ora pedindo esclarecimento acerca do que estava vendo. Ao orar ele teve a compreensão de que o que estava aberto diante dele era a passagem das almas, e que Antão como mediador deveria orar e progredir cada vez mais em ascese e em oração.

No *labutare*, prática comum do monge, era comum o cansaço extremo das muitas horas de trabalho. Depois de tecer cestos para trocar com os visitantes que por ali passava em sua casa, obtém uma fadiga extrema. Recebe a visita de um demônio, o qual sagazmente puxa a corda de um de seus cestos. O demônio que aparece para o anacoreta é um ser híbrido, cuja aparência humana vai até a cintura, contudo a continuidade das pernas se dá como de um asno. Ele não estava sozinho. Estava com muitos demônios. Antão ao expressar sua piedade e ascese leva o animal e os demônios que estavam com ele a fuga. Este demônio híbrido, ao correr de Antão tropeça e acaba morrendo.

DUALISMO ENTRE O CORPO E ALMA E A CONCEPÇÃO DEMONÍACA GREGA

O que estava por trás da figura dos animais na hagiografia de Atanásio acerca da vida de Antão, era o ser do mal. Não somente dos animais, como dos elementos da natureza, da figura da mulher, do dragão negro, do disco de prata que voava no deserto, do montante de ouro, do ser híbrido com corpo de homem e de animal era a figura do mal.

Esta mesma abordagem ocorre no escrito judaico dos cinco livros de Moisés denominado de Pentateuco, ou livros da Lei. O livro de Gênesis é o primeiro, o qual trata das Origens. No terceiro capítulo da cosmogonia, uma personagem denominada de serpente surge para tentar inicialmente Eva a fim de que ela desobedecesse a ordem de não comer o fruto proibido. O autor do “Livro dos Princípios” apresenta uma personagem animal, que carrega por trás um outro personagem, o diabo. A figura de Satã aparece através de outro. Ele de si mesmo, não se apresenta em forma própria, mas o que costuma fazer é geralmente induzir ou manipular outro para que ele se manifeste.

O papel desenvolvido por ele na cultura religiosa judaica é de adversário, contrário, opositor e inimigo. A palavra hebraica *satã*, substantivo a qual deu lugar aos verbos que dão ideia de *rival*, aquele que se opõe. Conforme Sayão a religião de Israel ridiculariza e desmitificava o paganismo e a idolatria de outros povos, por conta disso a concepção de um ser estritamente demoníaco vem após o exílio do povo de Israel na Babilônia (SAYÃO, Luiz, 2013, p. 68).

As realidades que coexistem eternamente no universo, parte de uma concepção zoroastriana. A emanação de Deus, criou um demiurgo, o qual criou o mundo, logo o mundo é mal, imperfeito, não é criação do Deus perfeito e transcendente. Tal matéria não pode entrar em contato com Deus, já que ela é totalmente corrupta e má. O bem e o mal, são respectivamente Ormuzd Mazda e Angra Mainyu, seres diferentes e independentes, contudo equiparados em poder tanto no maniqueísmo quanto no zoroastrianismo persa.⁵

A teodiceia judaica inicialmente rejeitava o dualismo, enfatizando que Deus era a fonte do próprio mal. (SAYÃO, Luiz, 2013, p. 162) Após terem contato com a cultura dos povos semíticos, o povo desenvolveu uma compreensão acerca de um ser personificadamente mal O que constituiu acontecimento primordial para elaboração de escritos importantes como Zacarias e as Crônicas dos reis apresentarem tal figura (SAYÃO, Luiz, 2013, p. 68.).

Na literatura cristã escatológica o animal serpente aparece juntamente com a figura do dragão, a serpente, mesmo sendo um animal, é apontada como perversa, ardilosa, astuta, pois por trás dela está o diabo, o adversário e satã, o que se opõe. Este mesmo fragmento, narra que juntamente com esta serpente, transfigurada ou metamorfoseada, estão anjos que caíram de sua habitação celestial, estes que não possuem nome, estão em igualdade com satã, a serpente, que também é vista como dragão, figura também apresentada na Hagiografia de Antão. Estes anjos que caíram do céu, e que agora estão na terra, não possuem uma personalidade distinta, antes são todos um grupo só em muitos.

⁵ Zoroastro viveu por volta de 628 – 551 a. C. , sua concepção de dualismo dominou o pensamento persa. O qual acabou influenciando Mani, em 273 a. C, o qual foi o fundador do maniqueísmo. A concepção dualista, mesmo acreditando que o bem e o mal eram dois seres equiparados, acreditava que o bem sempre venceria no final. SAYÃO. Luiz.2013, p.69.

“O grande dragão, a antiga serpente, chamada diabo e Satanás, que seduz o mundo, foi então precipitado para a terra e com ele os seus anjos.”BÍBLIA, 20157, Apocalipse 12:9 ⁶

No século IV, equivalente ao período bíblico intertestamentário, alguns livros foram escritos, que contudo não entraram no Cânon. São denominados de apócrifos. Os livros apócrifos, *apokruphoi* que significa secreto, foram livros escritos por comunidades pré-cristãs. Os essênios, eram comunidades cristãs judaicas, aproximadamente 100 a.C., os quais guardavam muitos manuscritos, preservados até os dias atuais, por conta dos achados arqueológico desde 1947 até agora. (MUSEU DE ISRAEL, Dead Sea Scrolls, 2024)

Muito se especula sobre a origem dos demônios, e os mais diversos textos já foram escritos nas tradições antigas a respeito desta cosmogonia. A grande contribuição da tradição judaica para a demonologia está expressa nos livros pseudoepígrafos de Enoque no período histórico judaico da revolta dos Macabeus. O livro de 1 Enoque, escrito no segundo século antes de Cristo, narra a respeito dos acontecimentos antes do Dilúvio. Os anjos caídos quando expulsos do céu foram liderados por Azazel. Eles apresentarão habilidades específicas de cada um como violência, coação através das armas, incentivo ao luxúria, e toda espécie de vaidade e corrupção. Eles ensinarão os homens a confeccionarem armas e escudos, adornos, cosméticos, ensinarão as mulheres se embelezarem, ensinarão astrologia, as ciências dos astros, a lerem os sinais da terra e das estrelas. Estes anjos caídos tiveram filhos com as filhas dos homens, e desta conjugação carnal nasceram os demônios. Desta descendência demoníaca foram desenvolvidos os gigantes, que são os filhos dos demônios com as filhas dos homens.

Quando outrora aumentou o número dos filhos dos homens, nasceram-lhes filhas bonitas e amoráveis. Os Anjos, filhos do céu, ao verem-nas, desejaram entre si: Vamos tomar mulheres dentre as filhas dos homens e gerar filhos!” . “Todos os demais que estavam com eles tomaram mulheres, e cada um escolheu uma para si. Então começaram a frequenta-las e profanar-se com elas. E eles ensinavam-lhes bruxarias, exorcismos e feitiços, e familiarizavam-nas com ervas e raízes. Entretanto elas engravidaram e deram luz a gigantes de 3.000 côvados de altura. Estes consumiram todas as provisões de alimentos dos demais homens. E quando as pessoas nada mais tinham para dar-lhes os gigantes voltaram-se contra elas e começaram a devorá-las. (PROENÇA, 2010, 296)

Os demônios judaico-cristãos, são potências decaídas que estão inclinados a fazer a humanidade decair. Atanásio, ao descrever a luta demoníaca enfrentada por Antão, constrói sua personagem sob a perspectiva dos muitos textos do Novo Testamento. A relação judaico-cristã na formação dos livros sagrados traz o mal substanciado de maneira não equivalente à grega, Na perspectiva grega o demônio pode está relacionado a figura de demônio, diabo, mas também em alguns casos pode ser visto como bom. A dicotomia entre alma e corpo será fundamental para o desenvolvimento do ascetismo, o qual será o coração do movimento monástico e a

razão da vitória de Antão sobre os próprios inimigos. Contudo o conceito de divisão alma e espírito também será importante para a inversão de valores no conceito de mediação do *daimon* bom para o Maligno, o qual recheará as narrativas do Segundo Testamento.

A matéria é má. Esta assertiva possui reflexos de correspondência tanto no dualismo persa maniqueísta, quanto no pensamento grego. O mundo material é deficiente, por isso é mal, logo, este mundo é o oposto do mundo das ideias. Tal concepção pode ser percebida nas compreensões platônicas acerca da esfera da matéria e da esfera das ideias aproximadamente em 427 a 347 a. C. a partir do pensamento de Platão. Reverberações dessa compreensão será adotada pelo neoplatonismo, representado na figura de Plotino 205 a 270 a. C. Na filosofia contemporânea, Hegel, como idealista, desenvolveu a compreensão de que à toda matéria do mundo foi atribuída a constituição de “matéria rude”, e que não era espírito (SAYÃO, Luiz, 2013, p.34.).

KERÉNYI (2015,p.79) ao tratar sobre a história dos deuses e dos homens, narra acerca de Geia, mãe dos deuses. Segundo a cultura grega, a “Mãe-montanha”, ou “Mãe dos deuses” na região da Frígia era sempre acompanhada de seres do sexo masculino que dançavam de forma selvagem.

Esses seres, no princípio, podem ter sido homens, mas imitavam espíritos de deuses, como os que, em nossa língua, se denominam *daimones*, “demônios”. (KERÉNYI,2015,79)

Os servos da deusa eram denominados de *daimones*, estes imitam o espírito dos deuses. Estes *daimones* não representarão nenhum papel especial nas histórias gregas. Eles podiam ser comparado a homens. Na história de Faetonte, filho de Éos e Céfalos, roubado pela deusa do amor, Afrodite, ainda enquanto menino, se tornou guardião do santuário mais sagrado da deusa, alcançando a condição de deus ou de espírito divino possuidor de imortalidade, de *Daimon* (KERÉNYI, Karl. 2015, p. 176.).

A concepção de *Daimon* ou demônio, podem ter significados específicos. Além de espírito de deuses que são servos dos deuses, a ideia de demônio ou *daimon* na história grega, pode ser vista como um ser que atormentava os malfeitores no Mundo Subterrâneo. Erínias, era o nome de um demônio, retratado em cor negro-azulada, lambendo os dentes e sentado na pele de um lince, perseguia malfeitores em vida, e depois que morriam e chegavam ao Reino dos Mortos (KERÉNYI,Karl. 2015,p221)

Segundo a cultura mitológica grega, os demônios podiam ser deuses, podiam ser heróis e podiam ser demônios. Estão sempre à margem do mundo político-religioso, e por muitas vezes não possuem uma categoria estritamente delimitada (EINAUDI, Enciclopédia. 1987, p. 47.). KERÉNYI, (2015) na mitologia dos gregos, relata tal concepção em histórias mitológicas diferentes. O anonimato no cristianismo leva a concepção “demônios”, eles não tem nome. Quando são nomeados, como o conceito hebraico “satã”, pode-se perceber que estes possuem poderes diferenciados. Antão, nomeia o “diabo”, mas a maioria das vezes são sempre anônimos, estando por trás de animais e outros seres.

Segundo a Enciclopédia Einaudi (1987) na cultura grega, o diabo não era um ser maléfico personificado como na cultura judaica, que usa figuras para se manifestar, ou que aparece como um ente. Sob a ótica dos exegetas de Hesíodo, potências era o termo atribuído a seres que tinham poderes extra-humanos como os heróis e os deuses. Os demônios eram o terceiro tipo de potências, que não eram personalizados como os heróis, mas que tinham seu habitat no anonimato. Na história antiga, de forma geral, os demônios não recebiam sacrifícios como os deuses, tão pouco eram classificados nominalmente. As diferenças entre os demônios não eram personalizadas, muito menos divididas por modalidade de ação. Eles eram aqueles que apareciam nos sacrifícios rituais oferecidos aos deuses.(EINAUDI, Enciclopédia. 1987, P. 46.)

Pro volta do séc. IV a.C, Os discípulos de Pitágoras acreditavam que o lugar das almas era no ar, estando este cheio delas, estas eram os demônios e estes através dos sonhos, enviavam aos homens, gados e carneiros, sinais, sonhos e doenças. Quando as almas dos mortos eram irritadas, os demônios se manifestavam com sinais e doenças. Esconjurados, ou aclamados para que milagres fossem operados, estes sacrifícios e libações deveriam ser feitas. Em outros casos, o sentido da palavra *daimon*, estava relacionado a uma potencia protetora que cuidava das casas e famílias. A estes, denominados de *Zeus Procriador (Zeus Ctésios)* ou e o *Agathodaimon*, Bom Demônio, possuíam altares domésticos realizados nas casas para atração de riquezas e boa vida. Ofertas de vinho puro. Nas regiões rurais, no sexto dia Protéstério, só se provava o vinho novo depois de oferecer ao Bom Demônio. Este tinha representação de uma serpente, era invocado depois que as famílias comiam.⁷ (EINAUDI, Enciclopédia. 1987, p. 48)No pensamento grego arcaico os valores da alma e do corpo são invertidos do período entre Homero e Platão. Ele diz:

Tomem-se como exemplo os versos do décimo primeiro canto da *Odisseia* relativos a Hércules: apesar das aparências, o herói não está no Hades; apenas a sua sombra(*eidolon*) nele vegeta, enquanto ele mesmo (*autos*) está no Olimpo, pois o seu corpo aí foi acolhido [*Odisseia*, XI, 602]. Alguns séculos mais tarde, Platão afirma nas *Leis* [959b]: “O que constitui a individualidade de cada um de nós, mais não é que a alma. (EINAUDI,1987,p.50).

O corpo em Platão, não é mais do que veste, o verdadeiro eu de Sócrates é a alma (psique). Em Homero, o corpo (*soma*) é o que define o ser de Hércules. A partir desta concepção, o misticismo, cria o ser espiritual do homem, que até então não existia, a alma-demônio, assim, a partir de um principio divino, emergi o eu espiritual, assim, alma e corpo são invertidos. A medida que se compreende que o conceito de *psique*, deixa de ser um duplo significado do corpo, um fantasma sem força, uma fumaça, orientando-se para a realidade e objetividade. Duas significações da palavra psique, a de ‘principio vital’ e de ‘sopro’. Xenofantes de Colofonte no fragmento de Pitágoras, narrando que um cão agredido quando uiva, ali a voz de uma alma humana, de uma *psique*, que anteriormente havia sido

encarnada no corpo de um homem que tinha sido seu amigo. Na obra de Platão, *Fédon*, se pode observar toda atividade ascética em relação à alma.

[..] separar o mais possível a alma do corpo, habituar a alma a deixar o invólucro do corpo para se concentrar em si e lá viver o máximo possível, agora e mais tarde, só consigo mesma, liberta das cadeias do corpo. ⁸ (Fédon, Platão, apud EINAUDI, Enciclopédia, 1987, p. 50.)

O sentido de *Eudaimonia* surge quando um “exercício de morte” é realizado para expiar certas culpas que o corpo está envolvido, como um corpo em um túmulo. Em Pitágoras, a *memória* permite contemplar todos os aspectos da realidade de uma série interminável de vidas humanas, alcançando a música do número que rege a ordem do mundo. Esta purificação da alma, pelo pitagorismo, será chamada de *filosofia*, a qual é o caminho para o *Bom Demônio*, caminho para a vida cujo objetivo é a felicidade, ou *Eudaimonia*. Neste sentido a noção de demônio não está ligada a um deus ou herói, mas a uma alma liberta do corpo. *Daimon*, em Hesíodo, os homens se metamorfoseiam em demônios, os quais se espalharam sobre a Terra, cujo objetivo era aumentar a riqueza e velar a justiça.

Segundo os discípulos de Pitágoras *daimon* personifica a unidade através de gerações. Pitágoras também se passava por um personagem de natureza sobre humana, um demônio lunar. No documento *Catecismo dos Acosmáticos* indicam que este era um bom demônio, cheio de amor pelos homens. Enquanto reconhece o demoníaco em si, trabalha para que a parte demoníaca alcance a autonomia. A ideia de um demônio que caminha lado a lado, distinto do próprio indivíduo, que leva o homem a agir bem, mas que pode levar a cometer falhas, também pode aparecer como um espírito de possessão que perturba a vítima, levando a pessoa a aceitar sua companhia e exercitar-se para morrer, sendo assim seu companheiro. Este invade o domínio do eu. (EINAUDI, Enciclopédia. 1987, p. 52.)

Para o pensamento grego, o demônio era uma espécie ao mesmo tempo que divina, indeterminada. Filolau, o pitagórico, o *daimon*, é um *medieta, mesos*, sendo o ponto de partida da harmonia. *O Banquete*, de Platão, “tudo o que é demoníaco é intermediário entre o deus e os mortais...”[202e-203^a]. Para Plutarco, ao contemplar o movimento dos astros, desenvolve a compreensão de que cada plano do cosmos é ocupado por uma espécie de seres vivos, organizados em hierarquias segundo a ordem inteligível. Os neoplatônicos dividirão a compreensão dos demônios entre a natureza da sua esfera e a sua substância. Tomás de Aquino, irá compor um sistema do mundo em hierarquias angelicais, baseado na compreensão de hierarquia demoníaca, distribuídas conforme a iluminação intelectual. (EINAUDI, 1987, p. 54.)

No período patrístico, Orígenes, entre 220 a 231 d.C, em seu tratado *Dos Princípios*, ordena o universo a partir do Deus criador, onde este desenvolve o espectro completo das formas de corporeidade. Tal espectro está submetido ao conceito da Queda, onde o conflito cosmogônico de Adão e Eva ao desobedecerem a Deus altera toda ordem do cosmo. Assim, para ele, cada criatura, conforme seu

grau de malícia, fica mais ou menos afastada do criador de tudo. Na hierarquia, primeiramente os corpos dos anjos, em segundo os corpos dos demônios e por terceiro os animais. Os corpos dos demônios são mais pesados que os corpos dos demônios, este por serem governadores do mundo de trevas, possuem os corpos mais pesados que os homens, são ‘potências adversas’, ‘espíritos de perversidade’, ele denomina de ‘espírito imundo’

Os demônios judaico-cristãos, são potências decaídas que estão inclinados a fazer a humanidade decair. Atanásio, ao descrever a luta demoníaca enfrentada por Antão, constrói sua personagem sob a perspectiva dos muitos textos do Novo Testamento. A relação judaico-cristã na formação dos livros sagrados traz o mal substanciado de maneira não equivalente a grega. Na perspectiva grega o demônio pode está relacionado a figura de demônio, diabo, mas também em alguns casos pode ser visto como bom. A dicotomia entre alma e corpo será fundamental para o desenvolvimento do ascetismo, o qual será o coração do movimento monástico e a razão da vitória de Antão sobre os próprios inimigos. Contudo o conceito de divisão alma e espírito também será importante para a inversão de valores no conceito de mediação do *daimon* bom para o Maligno, o qual recheará as narrativas do Segundo Testamento.

A ideia de demônio influenciou toda cristandade em decorrência de Antão ter sido o pai dos anacoretas e a milícia contra os demônios, nesta teodiceia, servir para o aperfeiçoamento dos monges e o reforços das práticas espirituais. O bispo africano, Atanásio, discorre em seu escrito a respeito da vida ideal, apontando para o perfeito exemplo que desenvolve a hagiografia de Antão, ou Antônio, o pai do monasticismo. A vida perfeita de Antão só existe por causa dos demônios, já que graças a perseguição deles, sua prática espiritual foi aperfeiçoada por meio da ascese. Em uma medida o ato do diabo em toda sua trajetória foi benéfica, ainda que sua intenção fosse má. Tal filosofia se espalhará ao longo da própria cristandade e figuras importantes ao longo da própria história surgirão dando continuidade a filosofia monástica. São Simeão na Síria, na Palestina, São Efrém, Eustácio de Sebaste no Sinai, na Pérsia, na Armênia, na Geórgia e na Ásia Menor, São Basílio de Cesareia em Constantinopla, em Roma, na Itália, São Jerônimo na Palestina, São Matín de Torus na Gália com Cassiano e São Honorato e nas Ilhas Britânicas refletirão o *ethos* de *Vita Antoni* (COLOMBÁS, Garcia, M. 2004, p. 6.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de uma força que se opõe ao bem é fruto de um imaginário que parte de uma realidade experiência. Atanásio, narrou em uma hagiografia uma expressão de sua própria experiência, já que ele mesmo enfrentava batalhas ferrenhas contra os arianos. Antão é a perfeição. Enquanto Atanásio lutava contra pessoas, Antão lutava contra o próprio demônio.

Embora na Grécia arcaica a palavra demônio tivesse um significado positivo ou como guardador do lar, em alguns momentos ela terá um sentido negativo, consubstanciando-se em mal. Não há um sentido grego definido. As tradições

religiosas em geral expressam a realidade da figura dos seres demoníacos. Nem todas com o mesmo sentido. Para os gregos os demônios possuíam uma função diferente; eles, *o daimôn* era uma espécie de espírito morto que possuía poderes sobrenaturais, sendo intermediário entre os deuses e os humanos. Tais seres são inexpíaveis, não há salvação para eles, sua malícia os diferencia da tradição grega, onde cada um possui um demônio, e este é *domiciliar* no sentido de o acompanhar. Após a evolução do pensamento dualista, a denotação do sentido demônio também se transformará, mesclando-se a concepção judaico cristã.

No pensamento grego os demônios foram considerados como deuses, heróis ou demônios. Potências cuja única expressão era o polimorfismo. O *Bom demônio* é a expressão da indeterminação do termo demônio, o qual era um protetor da família arcaica. Na expressão dicotômica de *soma* e *psique*, a psique se tornou autônoma como um fantasma divino. A compreensão acerca do demônio é aquela que acompanha a alma para libertar-se do corpo. A mediação se torna a atividade dos demônios e do *homem-demonio* que ocupa o espaço entre os deuses e mortais, os quais se manifestam com sinais, avisando os homens com sonhos e adivinhação, magias e encantamentos. Este sistema de demônio aparece no cristianismo transfigurado no conceito de pecado. O cosmos, segundo Orígenes, será repartido em hierarquias geográficas, onde cada ser categorizado estará perto ou longe de Deus conforme o criador quis.

Sob a ótica grega, os demônios se assemelhavam ao bem e mal. No maniqueísmo eles serão submetidos ao patamar de bem e mal, anjos e demônios. A mediação, será substituída pela compreensão do maligno, o qual será o diabo, que pulsa os desejos e tentará os sentidos. A compreensão dualista perpassa a patrística sendo de grande influência no ocidente. E a própria compreensão de Atanásio acerca de Antão percebe-se uma herança grega, da mesma maneira que se pode observar influência judaico cristã na compreensão demoníaca de Atanásio ao escrever acerca das manifestações e tipos do demônio. Na concepção judaica, especificamente no apócrifo Pseudo epígrafo de Enoque I, tais seres possuem qualidades específicas e ensinam habilidades aos homens, mas são integralmente maliciosos e libidinosos desejando ter em troca o sexo com as mulheres. Diferentemente da concepção de potência demoníaca platônica que unirá as duas naturezas do homem, embora o arraste para o divino, o atrai para o desejo animal. Nestas referências podemos encontrar referência acerca da hierarquia demoníaca, suas funções e influência sobre os homens.

Nas metanarrativas judaicas, cristãs e até mesmo zoroatrísticas, a figura de um ente distinto que se opõe a Deus, o qual tem por objetivo o desvio do homem do caminho da retidão é comum. Tal figura possui um comportamento diferente para os gregos. Em Atanásio, temos uma descrição completa e de verdadeiras batalhas espirituais, onde a busca por uma ataraxia é materializada através do ascetismo rigoroso. A partir da literatura monástica é possível compreender a evolução da compreensão acerca dos demônios e como esta figura para o *ethos* é fundamental, já que ele serve na Teodiceia para o aperfeiçoamento e alcance de uma vida de equilíbrio graças a um ascetismo rígido.

REFERÊNCIAS

ATANÁSIO, Santo, Patriarca de Alexandria. **Vida e conduta de Santo Antão. Contra os pagãos; A encarnação do verbo; Apologia ao imperador Constâncio; Apologia de sua fuga; Vida e conduta de S. Antão.** Trad. Edições Paulinas, São Paulo: Paulus, 2002. Patrística, Vol.18.

ALMOND, Philip C. **O diabo: uma biografia**/ tradução Nélio Schneider. – Petrópolis, Rj: Vozes, 2021.

PROENÇA, Eduardo. **Apócrifos da Bíblia e Pseudo - Epígrafos.** Ed. Fonte Editorial. Organizado por Eduardo Proença. 881 páginas. Volume 1. 6º Edição. 2010.

COLOMBÁS, Garcia M. **El Monacato Primitivo.** 2º Impression 2004. Compañía de Publicidad Biblioteca de Autores Cristianos. Madrid 2004.

Elaine Pagels (1991). **The Social History of Satan, the “Intimate Enemy”: A Preliminary Sketch.** Harvard Theological Review, 84, pp 105-128
doi:10.1017/S0017816000008117

ENCICLOPÉDIA EUNDI. **Mito, Sagrado.** Impressão Brasília. 1987.

Enciclopédia do Protestantismo: teologia, eclesiologia, filosofia, história, cultura, sociedade, política / organizador: Pierre Gisel; assistente de edição: Lucie Kaennel; tradução de [Norma Cristina G. Braga Venancio]. – São Paulo: Hagnos, 2016.

FONSECA, Pedro. **O demoníaco no imaginário misógino e teratológico medieval: algumas representações.** Artigo científico.

HENRIQUES. **Zoroastrismo Da Pérsia E Catolicismo Romano: Um Estudo Comparado Entre Concepções Escatológicas.** Tese Doutoral em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba. 2019.

Bíblia Sagrada. **Bíblia de Jerusalém.** Editora Paulinas. São Paulo: Paulinas, 2017.

KERENYI, Karl. **A mitologia dos Gregos. A história dos deuses e dos homens.** Volume 1. Editora Vozes. 2015.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e Maravilhas da Idade Média.** Petrópolis , Rj:Ed. Vozes: 2020.

MUSEU DE ISRAEL, “**Dead Sea Scrolls**” (Rolos do Mar Morto) Online <https://www.imj.org.il/en/wings/shrine-book/dead-sea-scrolls> . Acesso em 16/03/2024.

MICHAELIS, Discionário Onlune. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/antonom%C3%A1sia> Acesso em 16/03/2024.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento.** Editora Hagnos. São Paulo, 2013